

## WINNICOTT: UMA TRANSFERÊNCIA POSSÍVEL E NECESSÁRIA DA PULSÃO À RELAÇÃO DE OBJETO

José Renato Berwanger Carlan

Nos seminários sobre Winnicott me passava algumas considerações sobre a minha prática clínica, individual e em grupo(grupo de “3ª idade” e bipolaridade). Pensava também na minha análise pessoal e no processo de formação até aqui. Nessa confluência de teoria, prática e análise pessoal sinto bastante presentes as contribuições de Winnicott, que a meu ver não se reduzem somente aos casos ditos difíceis. Acho que está presente em todas as análises e não somente em uma “**análise modificada**” (mesmo que tenha se referido aos casos difíceis), principalmente, se considerarmos uma análise nos dias de hoje.

As leituras dos seminários, sobretudo Winnicott, A Green, P. Marty e J. McDougall fizeram-me pensar na psicanálise, na cultura e também em termos da clínica, hoje. Como candidato a psicanalista me ocorre pensar também nos destinos da psicanálise quando muitas vezes parece difícil manter um sujeito no divã ou mesmo frente a frente, pelo menos duas vezes por semana. Independente disso e até transcendendo a esta parte mais pessimista acho que a psicanálise estará sempre presente independente do tempo, espaço e frequência, seja na clínica e seja na cultura.

Em termos de ambiente, vive-se um empobrecimento vincular com os pilares de sustentação da família se fragilizando cada vez mais. É marcante através de constatações na clínica e também segundo citação de vários autores quando se referem a sintomas sociais como: declínio da lei, estilhaçamento de valores e símbolos da tradição, crise ética e de confiança, terceirização da função paterna e materna além das perversões, compulsões, somatizações e adições, numa cultura onde impera o exagero. Giovacchini(1995), sobre Winnicott, descreve uma psicopatologia do espaço potencial em que a fantasia e a imaginação tornam-se restritas justamente pela falha na relação empática e na transicionalidade, aspectos fundamentais de onde se originam os símbolos, as fantasias. Formas específicas de espaço potencial incluem desde o espaço lúdico, o espaço transicional, o espaço analítico até experiências culturais e de criatividade.

Nesse mesmo caminho, podemos pensar em enxerto no espaço potencial. Marty (apud Green, 2008, p. 196) fala do empobrecimento do fantasiar e das estruturas mal mentalizadas ou desmentalizadas(operatórias). Nesse caso é o comportamento e atuações(autocalmantes) que, como uma esponja, absorvem a angústia e o desejo. “(...) como Marty mesmo diz, numa formulação lapidar: quando nesses pacientes procuramos o desejo encontramos o dinheiro, os carros, as mulheres, os computadores...Tudo se passa como se para esses sujeitos, a atividade do fantasiar fosse percebida como perigosa.” (Green, 2008, p.196). Green cita a atuação, a alucinação e a somatização como destino da pulsão. Associado a isso se refere ainda a desobjetalização (termo empregado por Marty).

Da transicional ao transitório! Joyce McDougall(1991) remete a pensar, como um sintoma contemporâneo, numa crise da transicionalidade(Winnicott) com o imperativo do transitório como substituto da função transicional, mesmo que falho. A busca adicta por remeter a urgência de satisfação e a transitoriedade confere um caráter de dependência e compulsão, ocupando o lugar do “entre um e outro” e apontando para a crise nos vínculos. “ao contrário do objeto transicional, os objetos da necessidade adictiva não conseguem proporcionar por mais do que um breve período o reconforto exigido e aquilo que oferecem raramente é suficiente para a criancinha desesperada e enfurecida que sobrevive nesses pacientes” (J. MCDougall, 1991, p. 108).

Apenas faço o apontamento desta problemática individual e social para ilustrar algo da falta, das crises e lacunas do sujeito, encobertas pelo excesso e exagero, sinalizando para uma crise nas relações objetais com a prevalência das pulsões e compulsões.

Como então, diante dessa realidade atual, pensar a clínica psicanalítica? Green(2008), refere que a dispersão ou mesmo a fragmentação do pensamento psicanalítico em variadas teorias conflitantes (psicologia do ego, pensamento kleiniano, lacaniano, bioniano, winnicottiano, kohutiano) pode ser vista como tentativas a propor uma solução face às limitações do tratamento clássico, sobretudo ao tratamento centrado exclusivamente nas pulsões por si só, no mundo interno, assim como uma transferência unipolar que desconsiderava a relação de objeto. “..Uma polemica sem fundamento terminou por desenvolver-se entre os partidários da teoria das pulsões e os da teoria da relação de objeto. Abordamos os argumentos dessa discussão e concluímos que a articulação dos pontos de vista intrapsíquicos (componente pulsional em primeiro plano) e a perspectiva intersubjetivista (onde os fundamentos remontam à teoria de relações de objeto) é incontornável, uma vez que há um par indissociável que é o par pulsão - objeto, base do psiquismo.” (Green, 2008, p. 74). Assim, a pulsão revela a existência do objeto e, inversamente, o objeto é revelador da pulsão. A separação entre os movimentos internos e afetivos do sujeito e sua objetivação pelo discurso endereçado a um terceiro tomba para o inconsciente. Neste ponto refere-se à transferência, em que os dois formam apenas um.

Green (2008) refere que o ponto de vista epistemológico moderno enfatiza a dimensão da relação, que deve prevalecer sobre a concepção da definição de um objeto considerado por si só. Por este entendimento Green manifesta, na clínica, uma tendência winnicottiana e chega a propor uma concepção de transferência e contratransferência baseado no par pulsão-objeto, em consonância com as opiniões de Winnicott.

Acredito que em todo acontecimento analítico inegavelmente estão presentes alguns conceitos fundamentais como relação de objeto, holding, capacidade fundamental da mãe em dar sustentação e se identificar com seu filho, o que transpondo para a clínica corresponde à capacidade do analista em dar sustentação e se identificar com o analisando. A partir daí começa a se delinear a transferência sustentada pelas relações de objeto. Acho que, hoje, torna-se difícil pensar ou manter um sujeito em análise sem um holding. Winnicott (1983) adota o termo *holding* e o define como amparo e sustentação. No início da vida, este é simbolizado pela mãe, ou seja, mãe e lactente vivendo juntos. "(...) *holding* é utilizado para significar não apenas o segurar físico de um lactante, mas também a provisão ambiental total anterior ao conceito de *viver com*" (Winnicott, 1983, p.44). Ao longo de sua obra, Winnicott amplia o conceito de *holding* à criação de um lugar psíquico. Da dependência absoluta entre lactente e sua mãe a um caminho em direção à independência, onde o lactente irá desenvolver maneiras para viver sem cuidado real. Segundo Winnicott (1983, p.46) isto poderá ser conseguido através do cuidado, da projeção de necessidades pessoais e da introjeção de detalhes do cuidado, com o desenvolvimento da confiança no meio.

Pensar a clínica um pouco mais além das *pulsões por si só* e considerar a ***transferência baseada no par pulsão-objeto*** (Green,2008) é determinante para a mobilização da atividade psíquica fantasiosa e para contrabalançar as decepções da experiência, da falta e falha das relações vinculares, hoje, assim como, conforme Green, disso depende a criação de objetos transicionais (Green, 2008, p.80-81). Segundo Winnicott (1975) o espaço transicional dá origem ao espaço potencial com coerência entre o externo e o interno do sujeito. “O lugar em que a experiência cultural se localiza está no espaço potencial existente entre o indivíduo e o meio ambiente (originalmente, o objeto)” (1975, p. 139). Considerando, à luz de Winnicott, no analista está presente a mãe objeto, ou nas palavras de Giovacchini (1995), o

analista suficientemente bom, capaz de conter as partes parciais e primitivas, assim como a mãe ambiente como referência de escuta às preocupações e angústias do adulto.

O que pensar quando há uma crise do espaço potencial e transicional entre o bebê e a mãe, entre a criança e a família, entre o sujeito e a sociedade? Ou quando o espelho da mãe e do pai real, simbólico e imaginário são faltantes ou falhos como referenciais de identificação?

Na clínica de hoje é difícil, um trabalho centralizado somente nas pulsões, no mundo interno, enfim, nas questões intrapsíquicas do sujeito, sobretudo quando falham as instâncias de fantasiar, associar, enfim, quando falta o transicional. Nesse sentido sinto concordância com a teoria e prática Winnicottiana como muito presente e necessária na clínica e porque não dizer uma psicanálise para os dias atuais. Vários autores já notaram que nosso mundo não incita ao conhecimento de si, à abordagem dos conflitos interiores, nem à análise do inconsciente.”(Green, 2008).

A partir dos desafios apresentados pela clínica psicanalítica contemporânea(casos difíceis, pacientes borberline, clínica do vazio e do irrepresentável) o 66º Congresso de Psicanalistas de Língua Francesa(publicado na revista Brasileira de Psicanálise), que inclui a contribuição de A. Green coloca em discussão o modelo da pulsão e relações de objeto, fazendo uma revisão dos principais autores da psicanálise, desde Freud, M Klein, Winnicott, Bion, A Green, Lacan, Laplanche, César Botella e outros. Chega-se a propor, de maneira indagativa, a hipótese de uma Metapsicologia dos Vínculos e uma Terceira Tópica.

Não se trata de uma psicanálise possível, modificada ou uma indagação se é ou não psicanálise. Segundo Green (2008), na prática psicanalítica, o objeto se manifesta, sobretudo enquanto objeto da transferência. A transferência toma como ponto de partida seu objeto e se constrói a partir dele, da mesma maneira que, inversamente, o objeto é construído pela transferência. É essa referência à transferência que progressivamente vai conduzir a teoria psicanalítica a se voltar para a prática clínica, afastando-se da psicanálise aplicada. “o objeto analítico não é nem interno (ao analisando ou ao analista) nem externo (um ao outro) mas está entre eles” (Green, 2008, p. 231).

Segundo Green (2008), não se pode jamais dissociar o destino da psicanálise dos ideais da cultura na qual ela se desabrocha, seja considerando-se a tradição ou o tempo do qual se fala. “A psicanálise encontra-se, hoje em dia, em uma situação arriscada. Ela não poderá sobreviver se não responder às preocupações de nosso tempo.” (Green, 2008, p. 285)

## **Referências**

- CALATRONI, Marta T. Pierre Marty y la Psicossomática. Amorrurtu editores: 1998.
- GIOVACCHINI, Peter L. Táticas e Técnicas Psicanalíticas. Trad José Otávio de Aguiar. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.
- GREEN, André. Orientações para uma Psicanálise Contemporânea. Trad Ana Maria Rocca Rivarola et. Al. Rio de Janeiro: Imago, 2008.
- Mc DOUGALL, J. Teatros do Corpo. O Psicossoma em Psicanálise. São Paulo: Martins Fontes, 1991.
- Mc DOUGALL, J. e outros. Corpo e História. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1992.
- REVISTA BRASILEIRA DE PSICANÁLISE. Associação Brasileira de Psicanálise. Volume 41, No 1-2007.

WINNICOTT, D. W. O ambiente e os processos de maturação: estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional. Tradutor Irineo Constantino Schuch Ortis. Porto Alegre: Artes Médicas, 1982.

\_\_\_\_\_. O Brincar e a Realidade. Trad. José Otávio de Aguiar Abreu; Vanede Nobre. Rio de Janeiro: Imago, 1975.

\_\_\_\_\_. Natureza Humana. Trad. Davi Litman Bogomoletz. Rio de Janeiro: Imago, 1990.

\_\_\_\_\_. Holding e interpretação. Trad. Sonia Maria Tavares Monteiro de Barros. São Paulo: Martins Fontes, 2001.